



Educação ambiental e visualidades: representações imagéticas na série Jatobá de Rosana Paulino (2019)

Renato Duro Dias¹

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9849-1332>

Amanda Netto Brum²

Universidade Federal do Rio Grande- FURG
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1775-4493>

Simone Grohs Freire³

Universidade Federal do Rio Grande- FURG
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3566-0669>

Resumo: A produção do conhecimento, materializada a partir da centralidade europeia, constituiu a modernidade tendo como base a colonialidade do saber, inclusive no campo do sensível e do estético. As categorias do pensamento e as representações imagéticas encharcadas da retórica da modernidade reproduziram este mesmo sentido existente nos sistemas-mundo, especialmente onde se constituem as visualidades brasileira e latino-americana. Neste sentido, esta investigação de abordagem qualitativa centrada na análise de imagens pretende discutir, a partir da série Jatobá de Rosana Paulino, as opressões que subjugam mulher-natureza, a partir das possibilidades de uma educação ambiental crítica articulada com o ecofeminismo crítico, tendo como referências dispositivos imagéticos diversos, com vistas à produção de outros corpos, saberes e sentidos. Sustenta-se, por fim, que a proposta apresentada potencializa noções outras de mundo, pois apresenta-se como um potente instrumento de denúncia e de apelo à construção de outros imaginários, nos quais as mulheres árvores podem nutrir solos férteis capazes de produzirem resistências coletivas.

Palavras-chave: Educação Ambiental Crítica; Ecofeminismo Crítico; Rosana Paulino; Visualidades.

¹ Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Direito, do Programa de Pós-graduação em Direito e Justiça Social e do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, todos da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Líder do GDIS - Grupo de Pesquisa Direito e Sexualidades (CNPq). Vice-líder do Laboratório Imagens da Justiça (UFPEL) - Grupo de Pesquisa. E-mail: renatodurodias@gmail.com.

² Pós-doutoranda em Direito. Doutora em Direito pela Unisinos. Mestre em Direito e Justiça Social pela FURG. Especializanda em educação para sexualidades - FURG. Integrante do Grupo de pesquisa Direito e sexualidades - GDIS. Email: amandanettobrum@gmail.com.

³ Doutora em Educação Ambiental. Professora Associada do Instituto de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Vice-líder do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes – GEFE. E-mail: simone.sgfreire@gmail.com.

Educación ambiental y visualidades: representaciones de imágenes en la serie Jatobá de Rosana Paulino (2019)

Resumen: La producción de conocimiento, materializada desde la centralidad europea, constituyó la modernidad basada en la colonialidad del conocimiento, incluso en el campo de lo sensible y lo estético. Las categorías de pensamiento y las representaciones de imágenes incrustadas en la retórica de la modernidad reprodujeron este mismo significado y difundieron un modelo eurocéntrico incapaz de comunicarse con la pluralidad existente en los sistemas mundiales, especialmente allí donde se constituyen las visualidades brasileñas y. En este sentido, esta investigación con enfoque cualitativo centrado en el análisis de imágenes tiene como objetivo discutir, a partir de la serie Jatobá de Rosana Paulino, las opresiones que someten a las mujeres y a la naturaleza, a partir de las posibilidades de una educación ambiental crítica articulada con el ecofeminismo crítico, teniendo como referentes diversos dispositivos de imaginaria, en qué categorías de raza, género, decolonialidad y territorio se fusionan como elementos de producción de otros cuerpos, conocimientos y significados. Se sostiene, por último, que la propuesta presentada potencializa nociones otras de mundo, pues se presenta como un potente instrumento de denuncia y de llamada a la construcción de otros imaginarios, en los cuales las mujeres árboles pueden nutrir suelos fértiles capaces de producir resistencias colectivas.

Palabras-clave: Educación Ambiental Crítica; Ecofeminismo Crítico; Rosana Paulino; Visualidades.

Environmental education and visual depictions: pictorial representations in the series Jatobá by Rosana Paulino (2019)

Abstract: The production of knowledge, derived from the centrality of Europe, constituted modernity through the basis of the coloniality of knowledge, in the fields of the sensible and the aesthetic inclusive. The categories of thought and the pictorial representations impregnated by modern rhetoric reproduced this Eurocentric view of knowledge, incapable of conveying the existing plurality in world-systems, specially where Brazilian and Latin-American visual depictions are created. Thus, in virtue of the image analysis of the series Jatobá by Rosana Paulino, this qualitative research aims to discuss the oppressions that subjugate woman-nature. This analysis is based on the possibilities of associating critical environmental education and critical ecofeminism, adopting different pictorial devices as references, by means of producing other bodies, knowledges and meanings. Finally, it is argued that the proposed study enhances other notions of the world, for it presents itself as a powerful instrument in regards to denouncing and appealing to the construction of other imaginaries, in which tree women can nurture rich soils capable of provoking collective resistances.

Keywords: Critical Environmental Education; Critical Ecofeminism; Rosana Paulino; Visual depictions.

Introdução

A produção do conhecimento, materializada a partir da centralidade europeia, constituiu a modernidade, tendo como base a colonialidade do saber (Mignolo, 2017), inclusive no campo do sensível e do estético. Essa colonialidade do saber é uma decorrência da colonialidade do poder, imaginada e construída sob uma pretensa crença na universalidade ocidental branca, cristã, patriarcal e capitalista, em que a representação do belo sintetiza o próprio conceito de arte.

Ao redor dos anos 1970 e 1980 surgem em diversos países, primeiramente nos continentes asiático e africano, logo a seguir na América Latina, correntes de pensamento (no campo da teoria política e da epistemologia) e organizações sociais locais que não compactuam em se subordinar à dominação advinda deste modelo trazido pela modernidade/colonialidade (Mignolo, 2017) e, assim, buscam se contrapor a estas formas de produção hegemônica de dimensões e sentidos. Dimensões essas que a modernidade impôs a partir da colonialidade do poder e do saber e que se instalaram e se naturalizaram nos discursos e nos modos de viver.

Estes elementos permitiram revelar a possibilidade de construir, não tanto modernidades alternativas, mas alternativas à modernidade. Reconhecendo, desta forma, os legados históricos de resistência e de luta de indivíduos de comunidades originárias, constituíram-se estes feitos como uma opção civilizatória para decolonizar cada um de nós, bem como as nações subalternizadas envolvidas.

As categorias do pensamento e as representações imagéticas encharcadas da retórica da modernidade reproduziram este mesmo sentido e disseminaram um modelo eurocentrado incapaz de comunicar-se com a pluralidade existente nos sistemas-mundo (Wallerstein, 2005), especialmente onde se constituíram as visualidades brasileira (Paulino, 2017, 2019) e latino-americana (Gómez, Mignolo, 2012). Para além de um único modelo fundado na racionalidade técnica e no progresso, o pensamento decolonial propõe-se a pensar outras possibilidades em termos de criação e resistência, capazes de produzir a formação de subjetividades desobedientes (Gómez, Mignolo, 2012).

Como bem lembra a artista visual Rosana Paulino, ao relatar suas experiências visitando barracões de escolas de samba em São Paulo,

Pela primeira vez eu vi a figura do negro retratada de maneira digna dentro da História. E eu me dei conta de que a arte negra existia porque, até então, no meu universo de criança, havia somente o que vinha da Europa (...) foi uma experiência estética e política muito importante, para a construção de minha identidade (2022, n.p.).

Neste sentido, esta investigação de abordagem qualitativa centrada na análise de imagens pretende discutir, a partir da série Jatobá de Rosana Paulino (2019), as opressões que subjagam mulher-natureza. Considera-se as possibilidades de uma educação ambiental crítica

articulada com o ecofeminismo crítico, tendo como referências os dispositivos imagéticos diversos propostos pela artista visual, nos quais as categorias raça, gênero, decolonialidade e território se fundem como importantes elementos de produção. Jatobá (2019), uma das produções imagéticas mais recentes da artista visual Rosana Paulino, constitui-se em um conjunto (série) de desenhos em aquarela sobre o papel, em que se representam figuras femininas cujo prolongamento do corpo se entrelaça com árvores e plantas, possibilitando múltiplas camadas interpretativas.

Assim, o texto ora apresentado é tramado a partir da Educação Ambiental enquanto campo de conhecimento que, reconhecendo o ambiente como permeado por relações complexas, múltiplas e correlatas, também identifica que tais relações estão situadas em um cenário de desigualdades, ínsitas à modernidade/ao capitalismo. Isso, por sua vez, estabelece privilégios, mas também controle e dominação, portanto, a Educação Ambiental apresenta-se como uma educação política.

Dentre as várias perspectivas teóricas que versam sobre Educação Ambiental, optou-se por adotar neste texto a de viés crítico. Sem embargo, utiliza-se a ‘crítica’ aqui enquanto atitude crítica, isto é, prática que consiste na decisão, filosoficamente refletida, de não ser governado. Orienta-se assim por uma práxis de transformação da condição de vida em todas as dimensões.

Entretanto, uma vez que considera as relações de gênero como fundamentais para compreender as violências e desigualdades modernas, concorda-se que “a lente epistemológica da Educação Ambiental Crítica não é suficiente para fazer frente aos problemas enfrentados pelas mulheres” (Terra da Silva; Freitas, 2023, p.6). Assim, é preciso que o ecofeminismo crítico esteja também imbricado dialogicamente nas tessituras analíticas desta pesquisa. Esta escolha se justifica uma vez que o ecofeminismo crítico (Merchant, 2023; Shiva, 2021) contempla não só a análise radical do modelo expropriatório capitalista, como também compreende, como elemento fundamental deste sistema, a dominação, o controle e a subjugação das mulheres e da natureza, especialmente por meio da análise da categoria poder.

Desta forma, a perspectiva epistemológica que entretetece os argumentos e as análises por todo o texto é contra hegemônica, já que assume uma postura de resistência ao patriarcado e às relações de dominação.

A estética decolonial é, na sua pluralidade, dentro e fora do campo que denominamos cultura visual (Mitchell, 2020), um conjunto heterogêneo de práticas capazes de suspender a hegemonia e a totalização dos modelos patriarcal, branco e capitalista, com vistas ao campo das imagens. Em outras palavras, uma estética de tornar visíveis, audíveis e perceptíveis as lutas de resistência ao poder colonial, além de possibilitar a produção de outros corpos, saberes (Carneiro, 2023) e sentidos.

Este artigo se estrutura em quatro (04) etapas. Em um primeiro momento, dialoga-se sobre o conceito de cultura visual e imagem em sua relação com as formas de produção do conhecimento, referenciando-se ao corpo e suas outras possibilidades. Em seguida, analisa-se as representações imagéticas produzidas por Rosana Paulino na série Jatobá (2019). Na terceira parte do artigo, aborda-se a inter-relação corpo e natureza, a partir de marcos histórico-filosóficos e da educação ambiental crítica. Para finalizar, discute-se as várias formas de opressão e violência a que este corpo está submetido. Compõem ainda este estudo uma introdução e considerações finais.

Espera-se que estes diálogos potencializem noções outras de mundo, em que ausências se transformem em presenças.

Cultura visual, corpos e outras possibilidades

é necessário
que a gente comece
a pensar o conhecimento
de outras maneiras.
(Paulino, 2023, p.15)

Estudos com e sobre imagens têm sido cada vez mais frequentes nos diversos campos do conhecimento. Seja para as Artes Visuais, a Sociologia, a Antropologia ou a História, as visualidades tornaram-se potentes instrumentos discursivos nos moldes do que a própria escrita alcançou. O relevo dado às visualidades surgidas entre as décadas de 1970 e 1980

contribuiu, de modo muito consistente, à disciplina de cultura visual também denominada de estudos visuais, "uma área do conhecimento relacionada aos estudos culturais, história da arte e teoria crítica, dedicada ao estudo da relação entre cultura e imagem" (Mitchell, 2015, p.165).

Os estudos visuais e a virada icônica, proposta pelo campo da cultura visual, permitem abordar não somente um único tipo de objeto visual, o artístico. Com este reconhecimento, as imagens fílmicas, vídeos, mídia (peças publicitárias, por exemplo), quadrinhos (HQs) entre outros podem ser contemplados como presentes neste campo de investigações (Dias, 2021, p.5).

Para a Filosofia, campo em que se inserem os estudos sobre a estética, ou para a Educação, a imagem emerge como passível de interpretação, como representação de alguma coisa que recortamos enquanto sujeitos capazes de lhe dar sentido. De acordo com Boehm (2015, p.38), "na medida em que mergulhamos na imagem, o que ali está representado se sobressai como aspecto visual, como aquilo que se mostra."

Neste sentido, pensar através das visualidades permite compreender melhor o estatuto que a imagem alcançou em nossa sociedade. Possibilita reconhecer na imagem uma maneira de ler o mundo, recompondo-a no momento histórico em que ela foi produzida, a fim de que se extraiam elementos estéticos, éticos, filosóficos, políticos e sociais capazes de transformarem a imagem em "quase-corpos" (Rancière, 2015):

Dar às imagens sua consistência própria é justamente lhes dar a consistência de quase-corpo que são mais que ilusões, menos que organismos vivos. [...] E se amamos vê-las, é pela capacidade que temos de lhes emprestar ou de lhes subtrair ao mesmo tempo vida e vontade (Rancière, 2015, p.200).

As imagens guardam, portanto, uma importante relação entre quem observa a produção imagética (espectador/a) e quem a produz (artista visual, cineasta, etc). Assim, a cor, a forma, a espacialidade, a textura revelam os sentidos do visível (não-visível), bem como as (não) intencionalidades perceptíveis na imagem, pois:

a apresentação dos diferentes parâmetros da imagem e da convenção que os fundamenta, como a dos processos de interpretação que ela induz, terá também mostrado a dimensão socioculturalmente determinada de toda a concepção ou interpretação da imagem (Joly, 2005, p.234).

No caso da artista visual Rosana Paulino, a sua produção sempre esteve ligada à sua condição de mulher negra:

No meu caso, uma das pontas do trabalho artístico, aquela ligada diretamente a um pensar político, pode ser localizada no fato de ser uma artista negrodessendente. Desde criança, não me encontrar representada por imagens que, quase sempre, insistiam em colocar os/as negrodessendentes em posição inferior e/ou estereotipada são elementos que chamaram minha atenção. Olhar e não me ver representada nos livros escolares, sempre com seus modelos de família branca e feliz, cabendo aos negros os papéis de serviçais, ver as novelas e anúncios de televisão que em quase todos os casos reservavam aos negros sempre o mesmo tratamento estereotipado são fatores que, sem dúvida, contribuíram para uma atuação artística na qual o viés político se encontra fortemente marcado (Paulino, 2011, p.23).

Isso possibilita pensar a obra de Paulino sob o ponto de vista de uma estética decolonial (Gómez, 2012; Mignolo, 2017), em que as representações agem como forma de ligação com a própria ancestralidade da artista. Ao afirmar que "as representações agem como forma de ligação com a própria ancestralidade da autora", estaria subentendido o conceito de estética decolonial, especialmente quando a referência de produção da artista é sua própria ancestralidade (matriz afro-brasileira).

“Minha mãe foi bordadeira. Ela tinha uma máquina de costura e comprava pano para costurar pra gente” (Paulino, 2022) narra a artista em uma entrevista, ao lembrar o aprendizado do bordado, um dos elementos que marcaram a sua trajetória profissional.

Nascida em São Paulo capital no final dos anos 60, Rosana Paulino se constituiu como uma das mais expressivas artistas visuais brasileiras na contemporaneidade. Como pesquisadora e educadora, dedicou-se a problematizar, sob diferentes linguagens e elementos compositivos, imagens de mulheres negras, investigando as questões que eram até então (década de 1990) invisibilizadas, como as categorias gênero, território e racialidades.

Na Série "Bastidores" de 1997, Paulino recorre à técnica de fotos impressas sobre tecidos brancos em molduras (suportes), os mesmos que são utilizados na prática do bordado. No centro dos bastidores surgem vigorosamente imagens de olhos, bocas e gargantas de mulheres negras com linhas pretas, como se estivessem silenciadas ou amordaçadas, num nítido sinal da representação de violência contra a mulher. Estas obras são um marcador significativo e ao mesmo tempo recente na longa história da arte brasileira:

Demorou tanto, porque o Brasil é um país extremamente resistente às diferenças, é um país que se quer ocidental. O Brasil é um país que tem uma presença negra muito forte e bastante variada, mas o circuito das artes visuais tem sido durante muitos anos um circuito completamente branco, eurocêntrico e não se reconhece como tal.

A elite brasileira, seja ela financeira, seja ela intelectual, tem muita dificuldade em enxergar o país como, de fato, ele é (Paulino, 2021, n.p.).

Em seus trabalhos, na busca por ressignificar as pessoas marcadas pela escravidão, Paulino se utiliza de um olhar auto etnográfico, tentando desvelar a dor, o sofrimento, a opressão à qual esse "outro" foi submetido pelo dispositivo da racialidade.

Pode-se dizer que o dispositivo de racialidade instaura, no limite, uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras. Ou, dito de outro modo, a superioridade do Eu hegemônico, branco, é conquistada pela contraposição com o Outro, negro (Carneiro, 2023, p.13).

As representações imagéticas que Paulino nos apresenta refletem sua constante ação politicamente engajada por meio de sua arte. Traça, pontua, alinha e colore um conjunto de elementos significativos com intuito de talvez suturar feridas deixadas num passado nem tão longínquo. As obras inspiradas nas narrativas de um período desumanizante da sociedade brasileira revelam o poder e a produção de sujeitos e corpos hegemonicamente subalternizados, mas também fazem emergir a face da resistência do coletivo, capaz de pensar um futuro de lutas.

Representações imagéticas na série Jatobá de Rosana Paulino (2019)

conhecimento em roda,
conhecimento embaixo
de uma árvore,
conhecimento das plantas,
conhecimento que coloque
o sujeito dentro da natureza
e não acima dela
(Paulino, 2023, p.15).

As obras de Rosana Paulino sempre questionaram o lugar da mulher negra no contexto da sociedade brasileira. Em algumas delas, a artista traça paralelos com os períodos históricos relevantes, com a representação destas mulheres escravizadas; em outras peças, a pesquisadora refere-se às suas raízes familiares, ancestrais e mesmo religiosas. A encenação de elementos vivos como plantas, folhagens, árvores e matas faz emergir sua identidade e ligação com a matriz africana, pois como ela própria reconhece "sou filha de Ogum com lansã"

(Paulino, 2023).

Então vou procurar outras maneiras de me colocar do ponto de vista da psicologia. Assim, nascem, primeiro, as mulheres árvores, como a Senhora das plantas [2019]; do fato de eu ser obviamente filha de Ogum com Iansã nascem as Búfalas [2019]. As Búfalas são muito adolescentes, muito desafiadoras, eu diria que a Senhora das plantas é a mulher lá dos seus 50 anos... E aqui no parque onde eu caminho, o Parque do Jaraguá, tem um jatobá com quase 500 anos. Ele tinha uma plaquinha muito antiga que dizia: 'Este Jatobá tem cerca de 450 anos'. Mas essa placa devia ser da década de 1990. E as Jatobás me lembraram as grandes labás, as grandes senhoras, donas do conhecimento, que mantiveram as comunidades negras unidas (Paulino, 2023, p.29).

Na série Jatobá (2019), Rosana Paulino utiliza-se da técnica da aquarela e do grafite sobre papel construindo mulheres árvores em variados tons de ocre. Cada uma destas quatro (04) representações femininas possui sessenta e cinco por cinquenta centímetros (65 x 50 cm) e carregam consigo por vezes plantas, folhagens ou mesmo árvores nas mãos. A referência a esta grande árvore Jatobá, que faz parte da Mata Atlântica, do Cerrado, da Caatinga, da Amazônia e do Pantanal é central, seja pela cor ou mesmo pela fusão do corpo desta mulher enraizado, por vezes encoberto por outras folhagens.

Como mulher negra, estas aquarelas simbolizam a força e a energia dos povos escravizados no período da diáspora, cuja marca potente se consolida em um grande tributo à natureza, lugar do sagrado para os cultos de povos tradicionais de matriz africana. Seriam grandes guerreiras, mães de santo ou labás (Orixás femininos)? As imagens intercalam e possibilitam infinitas leituras, fato é que se trata de mulheres negras que com sua força vão entrelaçando vivências negras.

O território e a ancestralidade se fazem presentes nas poderosas e espessas raízes que alicerçam essas mulheres árvores, constituídas de ramagens expressas nos mais variados tons de verde das folhagens retratadas pela artista. Surgem de forma expressiva, também, pequenas raízes que brotam das folhas, plantas ou mesmo dos seios, demonstrando a capacidade desta mulher de, ao mesmo tempo, nutrir e fixar-se ao solo, como que construindo uma ambiência harmônica em um terreno fértil à sua sustentação.

Figura I, II, III e IV: Série Jatobá, Rosana Paulino, 2019 – Aquarela e Grafite sobre papel (65 x 50 cm, cada uma)



Fonte: Paulino, 2019.

As mulheres árvores de Paulino (2019) são uma importante contribuição do que podem ou querem as imagens (Mitchell, 2020).

Eu tenho certeza de que imagens curam imagens. A gente é muito ingênua, no Brasil, em relação ao poder da imagem. Talvez a maioria do que é colocado como preconceito, principalmente racial, não é colocado em palavras. É colocado em imagens – ou na ausência delas. Não é só ter uma imagem negativa, é não ter as

368

imagens e referências positivas. Isso vai formando um imaginário (Paulino, 2021, n.p.)⁴.

As imagens sugerem novas tessituras, produzindo um outro imaginário sobre as lutas e a história da população negra brasileira. As mulheres árvores se "enraizam" de modo crítico e ao mesmo tempo afetivo, traduzindo as faces da resistência da mulher negra contra a opressão, a escravização, o machismo, o capitalismo exploratório e as variadas formas de violência a que estão constantemente submetidas.

O corpo disciplinado: Natureza e Mulher

A natureza é a medida de todas as coisas.
(Paulino, 2023, p.28)

O corpo de Rosana Paulino (2019) é Natureza e é também mulher. A mulher e a Natureza são apresentadas de modo associado desde sempre na história, como ordem e como caos. Desde sua origem o mundo era orgânico, isto é, a sobrevivência do ser humano era fundada em uma relação de cooperação e de inter-relação com o mundo natural, em que se acreditava que tudo tinha vida. Neste mundo orgânico pré-moderno, cada indivíduo possuía uma função específica e estava intrinsecamente associado aos propósitos da comunidade em que se inseria. A Natureza, neste cenário, era representada como uma mãe nutridora e benevolente, responsável pela manutenção da ordem do universo e atendimento das necessidades humanas. Ao mesmo tempo, essa imagem, presente na literatura, na arte, na filosofia e na ciência, produzia na cultura uma restrição que evitava o uso arbitrário e desmedido dos recursos naturais.

Entretanto, com o surgimento e a consolidação do mundo mecanicista, passou a prevalecer a ideia de natureza enquanto caos e fonte da desordem. Essa alteração da percepção da natureza como selvagem e indisciplinada fez com que aquele comportamento contido desse lugar à dominação, um dos conceitos chave da Modernidade.

Esta transformação do mundo orgânico pré-moderno para o mundo mecanicista moderno foi impulsionada por outras diversas mudanças, nas dimensões comercial,

⁴ Grifo nosso.

tecnológica e social. O controle dos recursos naturais, que era até então comunitário e voltado à subsistência, foi engolido pelo controle capitalista voltado ao mercado, o que foi imperioso para a alteração da relação integrativa entre o ser humano e a terra.

Assim, numa virada epistemológica, abandonou-se uma concepção orgânica da natureza em favor de uma concepção mecanicista, através da qual passou-se a compreendê-la como algo sem vida e mecânico, com caráter integralmente instrumental, cuja finalidade era atender exclusivamente às necessidades dos seres humanos, dentre as quais, o progresso. Nasceu aqui uma perspectiva ética antropocêntrica, a qual ditou um mundo que não se associa com o sensível (Grün, 2012). Esta transformação da percepção do mundo natural conectou-se intimamente com o modo de vida dos seres humanos.

Esse cenário mecanicista se consolidou como hegemônico, em especial, a partir da Revolução Científica, cabendo destacar dois filósofos, Bacon e Descartes, os quais tiveram destaque na ressignificação radical da palavra Natureza. Francis Bacon desenvolveu ideias importantes sobre o papel da ciência na construção de uma nova cultura, em que natureza e cultura eram radicalmente cindidas. Para o filósofo, o homem era o senhor e mestre de todas as coisas do mundo. Descartes, não menos importante, considerado o grande nome da racionalidade moderna, foi responsável pelo processo de objetificação e domínio da natureza, mas também de afastamento. O filósofo (2002) ao cindir sujeito e objeto, e colocar-se fora da natureza, separa também Natureza e cultura. Ganha forças a ideia de uma Natureza enquanto horror e caos, a qual exige ser dominada e explorada.

Desta forma, o surgimento do mundo mecanicista, a partir do século XVI, provocou mudanças radicais, fazendo surgir dualidades na forma de perceber e conceber Natureza e mulher. As mulheres continuaram a ser relacionadas à Natureza, que de mãe provedora e afetuosa, passa a ser também selvagem, violenta e indomável, enquanto a mulher, mãe e cuidadora, passa também a ser considerada inferior, selvagem e demoníaca. Neste sentido, assim como era necessário controlar e dominar a Natureza selvagem, também era indispensável disciplinar as mulheres que eram cada vez mais associadas à volúpia e libertinagem, como bem descreveu Federici (2017) ao analisar a Inglaterra quinhentista.

É neste contexto que a Ciência moderna se afirmou como uma atividade intelectual eminentemente masculina, com a importante tarefa de dominar a Natureza e a mulher a fim

de garantir ordem no mundo. Em outras palavras: “[...] uma visão de mundo e de uma ciência que, ao reconfigurar a realidade como máquina e não como organismo vivo, comandou a dominação não apenas da natureza como também da mulher” (Merchant, 2023, p.31)⁵.

Os discursos produzidos, seja por Bacon, por Descartes ou por tantos outros filósofos, construíram uma misoginia teórica, cujas ideias sexistas ajustaram práticas científicas e atitudes em relação à Natureza e à mulher. Ambos ainda chancelaram novos métodos científicos, estabelecidos a partir de novos princípios, que apontavam a Natureza como uma mulher a ser torturada. A Natureza feminina, agora morta, controlada e dominada pela técnica deveria ter todos os seus segredos revelados para que fossem utilizados em prol dos interesses humanos. Em outros termos, estava cientificamente ratificada a exploração e expropriação irrestrita da Natureza. Bacon, que tinha pleno conhecimento da caça às bruxas na Inglaterra, mencionava amplamente tal política imposta às mulheres a fim de apontar que era também a melhor forma para investigar a Natureza. É o que se pode identificar em uma passagem de *De dignitate et augmentis scientiarum* (1623):

Porque basta seguir e, por assim dizer, perseguir a natureza nas suas andanças, para depois, quando quiser, poder conduzi-la e orientá-la novamente para o mesmo lugar. Nessas histórias de prodígios, também não sou da opinião que relatos supersticiosos de feitiçaria, encantamentos, sonhos, adivinhações e afins, onde há certeza e evidência clara do fato, devam ser completamente descartados. [...] Certamente, o uso e a prática de tais artes devem ser condenados; mesmo assim, isso deve ser feito a partir de sua especulação e consideração. [...] Conhecimentos úteis poderiam ser obtidos não apenas para um julgamento preciso dos crimes das pessoas acusadas de tais práticas, mas também para uma revelação mais ampla dos segredos da natureza. **O homem nunca deveria ter qualquer escrúpulo em entrar e penetrar nestes cantos e recantos, quando a inquisição da verdade é o seu único objetivo**, como Sua Majestade demonstrou pelo seu próprio exemplo (Bacon apud Merchant, 2023, p.307)⁶.

Dessa forma, a dominação e subjugação também constituíram o movimento em relação à mulher. Na nova ordem mecanicista, a mulher foi tornada passiva nas esferas produtiva e reprodutiva. No que se refere ao papel produtivo, foi a mulher banida de qualquer atuação na vida econômica e confinada ao ambiente doméstico. Quanto à reprodução, também é a mulher marcada pela passividade, uma vez que a ciência moderna instituiu este conhecimento sob o domínio masculino ao estabelecer a mecanização do corpo feminino

⁵ Tradução livre dos autores.

⁶ Tradução livre dos autores. Grifos nossos.

(Shiva, 2021). Assim tal qual violenta a Natureza, “a ciência reducionista é uma fonte de violência contra a natureza e as mulheres, na medida em que as subjuga e as despossui de toda sua produtividade, poder e potencial” (Shiva, 2021, p.82).

O corpo silenciado a partir de Rosana Paulino

meu modo de pensar
é um pensar coletivo
antes de estar em mim
já esteve nelas
(Paulino, 2023, p.6)

Nem mesmo o corpo é fixo suficiente para servir de base ao conhecimento de si e dos outros (Foucault, 1994). O corpo, em especial o feminino e racializado como possibilita pensar a obra de Rosana Paulino (2019), funciona como um campo sobre o qual operam diversos silenciamentos e opressões. Como a natureza, o corpo feminino é retratado como objeto epistêmico e, nessa condição, esse funde-se a partir das diversas identidades que o atravessa e é inserido em múltiplos contextos particulares nos quais é ressignificado.

Diante disso, ao retratar a condição da mulher negra no tecido social brasileiro, a obra de Rosana Paulino (2019) funciona como uma espécie de passaporte que desloca o olhar de seus apreciadores, ainda que sem terem-nas vivenciado, para as interdições e opressões que as mulheres negras experienciam cotidianamente em um contexto que se apresenta machista, racista, capitalista e colonialista, como o brasileiro.

De fato, no caso do Brasil, percebe-se um cenário que reforça os silenciamentos e as opressões vivenciadas pelas mulheres negras. No contexto social brasileiro, a consequência da vivência da mulher racializada se traduz nos dados estatísticos indicadores de que “as mulheres negras são as maiores vítimas da violência letal no Brasil” (Atlas da violência, 2023, p.41).

Como a obra de Rosana Paulino (2019), o levantamento dos dados estatísticos que possibilitam diagnosticar esse tipo de violência propicia importantes análises do contexto social brasileiro. Além de materializar em números que tal realidade é fato concreto no cenário brasileiro — ao valer-se dos ensinamentos butlerianos sobre violência, luto e política —, observa-se que a violência é uma maneira de expor de forma aterrorizante o contexto de

silenciamentos e opressões que as mulheres vivenciam (Butler, 2019).

O cotidiano apresentado na obra de Paulino remete aos diversos silenciamentos e opressões, desde aquelas que figuram como simbólicas na vida das mulheres negras até a violência física das agressões, a violência física da fome, a violência psicológica do espaço negado do existir. A violência sofrida pelas mulheres racializadas não causam, na maioria das vezes, indignação nas conversas corriqueiras, a negação de direitos sequer é pensada pela maioria das pessoas neste cenário. “A qualificação da importância da vida segundo a racialidade imprime e determina o descaso e a desatenção, e não prioridade, da busca de reconhecimento e conhecimento dessas singularidades” (Carneiro, 2023, p.70).

Com base no Atlas da violência de 2023⁷, nota-se que é significativa a dificuldade em localizar dados (ainda que os apontados sejam alarmantes, veja-se abaixo) que retratem de forma precisa as violências sofridas pelas mulheres, em especial as negras. Isto porque, seguindo as proposições butlerianas (2019), compreende-se que se a violência é cometida contra aqueles sujeitos que são considerados irrealis, então, da perspectiva da violência, não há violência ou negação de vidas, uma vez que elas já foram negadas na sua constituição. Elas, portanto, não são quantificadas, ou seja, dignas de nota, porque sempre estiveram perdidas, ou melhor, nunca foram vidas que deveriam ser valorizadas e preservadas, isto é, vivíveis (Butler, 2019). De certa forma, diz a autora, todos os sujeitos vivenciam tais contextos. Contudo, tal realidade torna-se altamente exacerbada sob certas condições sociais e políticas, especialmente àqueles para quem a violência é um fato da vida (Butler, 2019), como parece ocorrer, a partir dos dados apresentados no Atlas da violência de 2023 — com as mulheres negras no cenário brasileiro:

Em 2021, 2.601 mulheres negras foram vítimas de homicídio no Brasil. Isso representou 67,4% do total de mulheres assassinadas naquele ano e uma taxa de aproximadamente 4,3 mulheres negras mortas para cada 100 mil. Entre as mulheres não negras, esta taxa foi de 2,4 por 100 mil, número quase 45% menor. Na comparação das taxas, o risco relativo de sofrer um homicídio é 1,8 vez maior entre as mulheres negras do que entre as não negras. [...] Entre 2020 e 2021, enquanto a

⁷ “Existe ainda grande desconhecimento sobre a violência de gênero no Brasil. Nunca houve interesse dos governos em produzir, no plano nacional, uma pesquisa domiciliar com metodologia robusta, com amostragem aleatória e os necessários requisitos metodológicos para que as entrevistadas pudessem reportar verdadeiramente os fatos sobre esse tema tão delicado. Assim, o Estado termina enxergando apenas uma pequena parte do iceberg da violência contra a mulher no Brasil” (Atlas da violência, 2023, p.41).

taxa de homicídios para mulheres negras cresceu 0,5%, entre as mulheres não negras houve uma redução de 2,8%. [...] A desigualdade na letalidade entre mulheres negras e não negras no Brasil revela o encontro do racismo estrutural com os valores do patriarcado (Atlas da violência, 2023, p.43).

Junto a isso, sabe-se que a violência direcionada às mulheres racializadas não se resume à violência fatal. O silenciamento e as opressões experimentada e vivenciada pelas mulheres negras se encontram nos mais variados domínios do saber e nos múltiplos espaços de produção de poder:

Inúmeros trabalhos têm mostrado o diferencial salarial e a discriminação racial entre homens e mulheres e entre pessoas negras e não negras. Por exemplo, Feijó (2021) mostrou que o diferencial de rendimentos no mercado de trabalho entre mulheres brancas e negras, em 2019, era de 46,2%, sendo que parte deste diferencial era explicada por diferenças nas características pessoais e nos postos de trabalho – diferenças essas que já são resultado do racismo histórico. É possível que a discriminação racial e de gênero no mercado de trabalho e o conseqüente menor rendimento das mulheres negras vis-à-vis as mulheres não negras as tornem mais dependentes do cônjuge, tornando-as mais passíveis de sofrerem violência de gênero (Atlas da violência, 2023, p. 43).

Esses dados introduzem e demarcam que a mulher negra não deixou, como explica Carneiro (2023), de ter sua existência social subordinada à tecnologia de poder que as alijou das técnicas disciplinares do trabalho depois da abolição da escravidão. Os mecanismos de controle social dessa parcela da população, para qual não há projeto de inclusão, irão se inscrever no âmbito de tecnologias oriundas do biopoder, por meio do qual será estabelecido quais vidas devem ser valorizadas e preservadas, isto é, vivíveis e quais não devem ser vivíveis (Carneiro, 2023; Butler, 2019).

No entanto, na busca por ressignificar as mulheres racializadas e marcadas pela escravidão, como mencionado, Rosana Paulino (2019) - ao desvelar, frente ao dispositivo da racialidade, os atravessamentos entre a natureza, a opressão e o silenciamento vivenciados pelas mulheres negras -, possibilita apostar em um outro imaginário sobre as vivências das mulheres negras. A autora, por meio da sua obra, permite que se aposte na transformação da condição de vida dessas mulheres em suas múltiplas dimensões. De modo crítico e afetivo, as mulheres árvores de Paulino (2019), na medida em que se "enraízam" traduzem as faces da resistência da mulher negra contra a opressão, a escravização, o machismo e o capitalismo exploratório.

É justamente a partir deste olhar que se sustenta que a obra de Paulino (2019) não apenas revela como as relações de poder estão imbricadas na produção de corpos femininos, racializados e hegemonicamente silenciados, mas se apresenta capaz de emergir a face da resistência - essa que tem potencialidade para transpor o controle da natureza, o patriarcado e as relações de dominação que as mulheres negras vivenciam no contexto brasileiro.

Considerações Finais

Este texto procurou discutir as opressões que subjogam as mulheres e a Natureza, tendo como marco a inauguração da Modernidade, a partir da série Jatobá da artista Rosana Paulino (2019). Para tanto, utilizou-se como referências dispositivos imagéticos diversos, nos quais as categorias raça, gênero, decolonialidade e território se fundem como elementos de produção de outros corpos, saberes (Carneiro, 2023) e sentidos.

Tratou-se aqui de uma discussão estabelecida no campo da Educação Ambiental Crítica articulada com o Ecofeminismo crítico. A Educação Ambiental crítica, uma vez que delimita uma atitude filosófica reflexiva e fundamentalmente revolucionária ao desvelar o cenário de desigualdades, violências e injustiças, possibilita pensar na transformação das condições de vida na Terra. O Ecofeminismo crítico, por sua vez, traz à cena como elemento fundamental para compreensão da realidade a dominação, o controle e a subjugação das mulheres e da Natureza enquanto um projeto de uma ciência moderna masculina. É nesta tessitura, na qual se articula a Educação Ambiental e o Ecofeminismo críticos, que se estabelecem as condições de possibilidade contra-hegemônica de resistência ao patriarcado e às relações de dominação que interseccionam várias opressões.

As imagens de Rosana Paulino desvelam não só a violência epistêmica, mas também a arquitetura de violência que 'poeticamente' encarcerou os corpos das mulheres e a Natureza, as últimas colônias, como ensinou Shiva (2021).

O uso de imagens como elementos de análise ativa mecanismos de interpretação de mundo distintos da linguagem escrita. Estes artefatos visuais atingem a esfera do impensável, requerendo a superação das epistemologias tradicionais. No caso de Rosana Paulino, o avanço por uma estética decolonial faz emergir uma poética artística politicamente engajada.

A invisibilização de mulheres negras, bem como a sua representação por meio de

imagens negativas fomentam a reprodução de uma cultura de silenciamento e opressões destes corpos. Paulino (2019), a partir de suas obras, subverte esta ordem. Suas representações imagéticas fortes reconstróem e ressignificam estes corpos de mulheres árvores, atribuindo-lhes outros estatutos e configurando outras leituras sobre o passado, o presente e o futuro.

As visualidades aqui expostas simbolizam as infinitas possibilidades que o desenho, o grafite e as produções artísticas permitem alcançar. Como bem alinhavou Paulino (2023): "imagens curam imagens". O traço orgânico e a autorreferência tornam a série Jatobá um potente instrumento de denúncia e de apelo à construção de outros imaginários, nos quais, não sem luta, estas mulheres árvores nutram solos férteis capazes de produzirem resistências coletivas.

Referências

ALLOA, Emmanuel. (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ASSIS, Tatiane de. Entrevista com Rosana Paulino. **Revista Veja**, São Paulo, SP, 16 abr. 2021. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/arte-ao-redor/livro-hans-ulrich-obrist-entrevista-rosana-paulino/mobile> .Acesso em: 11 jan. 2024.

BOEHM, Gottfried. Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica. In: ALLOA, Emmanuel. (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Vidas precárias**: os poderes do luto e da violência. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes> . Acesso em 12 de jan. de 2024.

DESCARTES, Rene. **Discurso do método**. São Paulo: Paulus, 2002.

DIAS, Renato Duro. A justiça que vemos, a justiça que nos olha: imagem e cultura visual em Didi-Huberman e Mitchell. **Revista de Direito, Arte e Literatura**, v. 7, n. 1, p. 01 – 21, Jan/Jul. 2021. Disponível em:

<https://indexlaw.org/index.php/revistadireitoarteliteratura/article/view/7612>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Rosana Paulino**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosana-paulino>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FOUCAULT, MICHEL (1994). **Ditos e escritos I** - Problematização do Sujeito - Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Vol. 1. In: Motta, Manoel Barros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Meu modo de pensar é um pensar coletivo antes de estar em mim já estive nelas**: publicação educativa da 35ª Bienal de São Paulo : coreografias do impossível. — 1. ed. — São Paulo: Bienal de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/publicacao/publicacao-educativa-segundo-movimento-meu-modo-de-pensar-e-um-pensar-coletivo-antes-de-estar-em-mim-ja-estive-nelas/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GÓMEZ, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. **Estéticas decoloniales** [recurso electrónico]. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012. Disponível em: <https://adelajusic.files.wordpress.com/2012/10/decolonial-aesthetics.pdf> Acesso em: 10 jan. 2024.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. Campinas: Papirus, 2012.

JOLY, Martine. **A imagem e os signos**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005.

MAGALHÃES, Elisa de, MARTINS, Tatiana (Org.) **Arte & Ensaios**. n. 37. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, março 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/24597>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MERCHANT, Carolyn. **La muerte de la naturaleza**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023, Edição Kindle.

MIGNOLO, Walter. Desafios colonias hoje. **Epistemologia do Sul**, Foz do Iguaçu, 1 (1), pp. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772> Acesso em: 10 jan. 2024.

MITCHELL, William John Thomas. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel. (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ORTEGA, Anna. Entrevista com Rosana Paulino. **Jornal da UFRGS**, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poder-da-imagem-afirma-rosana-paulino/>. Acesso em 12 jan. 2024.

PAULINO, Rosana. **Imagens de sombras**. Tese de Doutorado em Artes Visuais. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo : R. Paulino, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-05072011-125442/publico/tese.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PAULINO, Rosana. Entrevista com Rosana Paulino: “Você não passa por um objeto, por dez anos, sem ser tocada por ele, sem pensar sobre o que será que tem lá. In: MAGALHÃES, Elisa de, MARTINS, Tatiana (Org.) **Arte & Ensaios** n. 37. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, março 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/24597>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PAULINO, Rosana e CARNEIRO, Sueli. Nós não temos um drama, temos uma luta para tocar: conversa entre Rosana Paulino e Sueli Carneiro. In: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Meu modo de pensar é um pensar coletivo antes de estar em mim já esteve nelas**: publicação educativa da 35ª Bienal de São Paulo : coreografias do impossível. — 1. ed. — São Paulo: Bienal de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/publicacao/publicacao-educativa-segundo-movimento-meu-modo-de-pensar-e-um-pensar-coletivo-antes-de-estar-em-mim-ja-esteve-nelas/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PAULINO, Rosana. **Série Jatobá**. 2019. Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/>. Acesso em: 07 jan. 2024.

PICCOLI, Valéria et al. **Rosana Paulino**: a costura da memória. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5539004/mod_resource/content/1/Rosana-Paulino-Pinacoteca.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. As imagens querem realmente viver? In: ALLOA, Emmanuel. (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

REINA, Andrei. Sutura da arte no tecido social. Retrospectiva na Pinacoteca de São Paulo faz balanço da produção de Rosana Paulino, artista que coloca a mulher negra como protagonista da crítica da formação social do país. **Revista Bravo**. 07 dez 2018. Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/rosana-paulino-e-a-sutura-da-arte-no-tecido-social-brasileiro-9bdb7f744b4e>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SHIVA, Vandana. Reduccionismo e regeneração: uma crise na ciência. in: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021. pp.78-97.

TERRA DA SILVA, Lisiana Lawson; FREITAS, André Luis Castro de. Educação Ambiental, Ecofeminismo e Pesquisa-ação: análise de um processo pedagógico de conscientização.

Ambiente & Educação. 01 jul. 2013. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/15052> Acesso em: 12 jan. 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

Submetido em: 15/01/2024

Publicado em: 13/08/2024